

FORMAÇÃO DE PALAVRAS: CONCILIANDO A ABORDAGEM TRADICIONAL ÀS NOVAS PROPOSTAS DE ENSINO

Marnildo Pereira da Silva¹

Resumo:

Este artigo visa a confrontar os processos tradicionais de estudo da ampliação do léxico e as novas propostas de abordagem deste; não objetivando, contudo privilegiar um em detrimento do outro. Assim, o que este trabalho propõe é uma reformulação de como o conteúdo é ensinado aos estudantes, já que tal ensino não tem sido muito significativo no âmbito escolar.

Palavras-chave: Formação de palavras, léxico, neologismo

Abstract:

This article aims to confront the traditional processes of study of lexicon amplification and the current approach proposals to the same subject, without privileging ones in detriment of others. Thus, this work proposes a reformulation in the way that grammar is taught to students, since this approach has been very effective in the school environment.

Key words: word formation, lexicon, significance, neologism

Introdução:

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um paralelo entre os processos tradicionais de ampliação do léxico, trabalhados nas gramáticas escolares e as novas propostas, de cunho mais moderno, sugeridas pelos lingüistas e lexicólogos.

A necessidade de se explorar tal tema se deve ao fato de os processos tradicionais serem, por demais, desconexos com a realidade na qual os alunos inserem-se. De maneira oposta, as propostas mais recentes são mais significativas e condizentes com o aspecto produtivo da linguagem e a realidade atual.

No desenvolvimento deste artigo, faremos uma análise sucinta em algumas gramáticas normativas de Ensino Médio compiladas a partir do ano 2000. Basicamente, serão tomados como base dois livros didáticos: Gramática, Literatura e Produção de Textos, de Ernani e Nicola; e o curso de Português, de Antônio de Siqueira e Rafael Bertolin.

¹ Graduando do 6º período do Curso de Letras da FUCAMP – Fundação Carmelitana Mário Palmério – Monte Carmelo - MG Contato: marnildo@dhonline.com.br

Em primeiro lugar, serão abordados nestas obras, os processos de formação de palavras. Também serão apontadas, no final de cada processo visto, algumas de suas principais falhas e ainda serão dadas sugestões para se conseguir um melhor desempenho no ensino/aprendizado do mesmo.

Além disso, não será hesitada a procura de embasamento em alguns trabalhos com temas afins, como o de Rodrigues (2002) e o de Lapa (1982), amplamente explorados nesse trabalho.

Por conseguinte, serão levantadas ainda as novas propostas de trabalho, as quais, em contraposição às tradicionais, abarcam critérios semânticos e estilísticos. No decorrer deste trabalho isso será visto mais claramente.

O homem e a língua

Considera-se na comunidade científica a existência de uma íntima relação entre o homem e a língua. Tendo em vista que a atividade humana está em constante atualização, pode-se afirmar que a renovação do acervo lexical das línguas vivas é um fenômeno permanente. Assim, freqüentemente, é preciso “nomear” a realidade, subjetiva e objetiva, que surge. Diante disso, desdobra-se a intrínseca relação existente entre o léxico e a sociedade.

É total o vínculo do léxico com a nossa vida cotidiana. Isso se explica pelo seguinte fato: as línguas têm como objetivo primeiro a comunicação; essa, por sua vez, tem como objeto o mundo: coisas, pessoas, lugares, idéias, valores, sentimentos etc. Para referir-se a essas coisas, precisamos usar palavras. O léxico, grosso modo, é constituído por todas as palavras de uma língua. Logo, segundo Basílio (2004), ele é um grande depósito de significação

No entanto, também é muito relativo quando se diz que o léxico é um conjunto de palavras, pois tal agrupamento não é fechado. Desta forma, devido à (re) produção e o (re) conhecimento de novos seres, esse “conjunto” é um sistema dinâmico, capaz de expandir-se á medida que se manifesta a necessidade de novas unidades de designação e construção de enunciados.

Um projeto que um determinado governo quer implantar e que precisa ser nomeado, um novo prato desenvolvido na gastronomia ou um souvenir tecnológico criado para entretenimento, dentre outros, são fenômenos que, muitas vezes, originam novas palavras.

De modo geral, a estes itens lexicais, criados para nomear novas realidades, lingüistas e lexicólogos denominam *neologismo*. Já ao processo usado para criá-lo, *neologia*.

Basicamente, as línguas mudam por dois motivos diferentes. Em primeiro lugar, a transformação acontece com uma *finalidade representativa*, ou seja, para nomear novas realidades: coisas, bens, serviços, idéias, comportamentos, pensamentos etc. Em segundo, elas mudam conforme um *aspecto expressivo*. Isso quer dizer que as línguas também mudam na medida em que os interlocutores visam obter expressividade, fazer rir, causar estranheza etc., em um determinado discurso.

Para que ocorram essas mudanças, as línguas passam por certos processos de criação lexical, cujo falante lança mão para criar novos itens lexicais. Tais processos, portanto, constituem o assunto do qual trataremos daqui em diante.

Os processos tradicionais de ensino da ampliação do léxico

Como já expressei anteriormente, os processos tradicionais de se trabalhar a criação do léxico, no nível de Ensino Médio, em grande parte são abordados na gramática tradicional. A “tradição”, no entanto, não tem acompanhado a transformação real da língua. Assim, os processos por ela tratados são, muitas vezes, falhos e não conseguem explicar todas as ocorrências pelas quais muitas palavras surgem.

Geralmente, as gramáticas tradicionais trabalham os seguintes processos de formação de palavras: *composição*, *derivação*, *onomatopéia*, *abreviação* e, ainda, em outros livros, é comum aparecerem o *hibridismo*, *as siglas* e *as gírias*.

Composição

De acordo com Ernani e Nicola: “haverá composição quando se juntarem dois ou mais radicais para se formar uma nova palavra”. (ERNANI E NICOLA, 2002:109) Nela, ainda, pode haver duas subdivisões: composição por justaposição e por aglutinação. Neste, os radicais se juntam e há alteração deles. São exemplos disso: *aguardente* (*água+ardente*), *planalto* (*plano+alto*), *rodovia* (*roda+via*) etc. Já naquela, os radicais se juntam sem que haja alteração fonética. Isso pode ser visto em: *couve-flor*, *amor-perfeito*, *micróbio*, dentre outros.

As críticas a esse mecanismo são muitas. Uma delas se dá pelo fato de a composição ser trabalhada, ainda, de modo um tanto ultrapassado; fato que está ligado ao trabalho preso ao nível sintático. Logo, o ensino desse processo é tratado como qualquer outra metalinguagem, sendo um fim em si mesmo.

A estilística proporciona meios para tornar a aprendizagem desse conteúdo mais significativa. Mostrar a origem de certas combinações é um dos exemplos fornecidos. Para tanto, o professor precisa se capacitar de modo a adquirir subsídios para isso. Em Lapa, encontra-se suporte para tal, podendo ser destacado o exemplo do vocábulo *porta-voz*:

Note-se que o primeiro elemento - porta - não é português. Veio-nos da língua francesa e significa traz, leva. *Porta-voz*, a letra quer dizer “traz a voz” e, em seguida, “o que exprime a opinião”. Exemplo: “Esse jornal é o porta-voz do partido republicano”. (LAPA, 1982:82).

Outra crítica pode ser atribuída à mudança de grafia que os neologismos sofrem, o que leva a perda da noção de formação e, conseqüentemente, a uma aprendizagem pouco significativa. Assim, a modificação de qualquer um dos radicais que se juntam para formar uma nova palavra, criada por composição, pode acarretar perda de sentido. Isso ocorre, por exemplo, com os vocábulos: *benvindo* e *bonfim*, os quais, seguindo a regra de que antes de p, b e m só se usa m, podem ter sua interpretação muitas vezes comprometida.

Pode-se levantar ainda uma última crítica, que é atribuída ao desuso de certos vocábulos e suas respectivas significações. Não faz sentido, por exemplo, ensinar para o aluno que uma palavra como *fidalgo* significa, de acordo com suas partes formadoras, *filho de algo*. Trabalhar isso em uma sala de aula não constrói significado algum, já que essa palavra não pertence à realidade do alunado.

Derivação

Segundo gramáticos e lingüistas, a derivação se faz por meio da anexação de afixos a uma palavra primitiva. Esse processo se divide, em prefixal e sufixal. Na primeira, o neologismo é obtido pelo acréscimo de afixo antes do vocábulo, na segunda,

depois. A gramática escolar, no que diz respeito ao ensino da derivação, ainda encontra-se ligada a aspectos estruturais, os quais trazem pouca significação para o aprendiz.

O importante na derivação é mostrar ao aluno a alteração semântica produzida pelo afixo. O efeito de sentido do vocábulo *desgraça* ilustra isso:

O termo (desgraça) comporta uma unidade de pensamento, sugere uma única idéia. O prefixo *dês* passa despercebido, é como se pertencesse à primitiva palavra. Um erudito, é claro, vê as coisas de outro modo: decompõe a expressão *des+graça* e explica, subindo as origens: ‘é a situação miserável de alguém que se encontra sem a graça de Deus’. Vê pois duas unidades de pensamento no vocábulo: a idéia sugerida por *graça* (sentido mais ou menos religioso) e a idéia negativa, suscitada pelo prefixo *des*. (LAPA, 1982:88)

Para o ensino dos processos de formação de palavras, particularmente esse, é indispensável que o professor lance mão do uso da decomposição, ou da etimologia, no intuito de conseguir trazer significação para o aprendiz dos alunos.

No entanto, a derivação não se dá apenas por acréscimo de sufixos e prefixos. Ela abarca outros dois processos. São eles, a derivação *regressiva* e a *imprópria*.

No primeiro, o neologismo é obtido pela redução da palavra primitiva. Pode-se ver isso, principalmente, na formação de substantivos derivados de verbos. Assim, os verbos *caçar*, *castigar*, *combater*; por exemplo, formam, respectivamente, os substantivos *caça*, *castigo*, *combate*.

Já no segundo, a palavra nova é criada pela mudança de categoria gramatical da palavra primitiva. Não ocorre, portanto, mudança na forma, o que muda é a classe gramatical. Isso pode ser observado no exemplo seguinte:

“Não entendi o *porquê* da briga”.

O *porquê* tornou-se um substantivo por ter sido anteposto por um artigo. Nesse ponto, infelizmente, a gramática escolar peca em não associar a noção de nominalização² à derivação imprópria, ou mesmo à regressiva. Tal atitude facilitaria bastante a compreensão desse processo.

A onomatopéia, a abreviação e o hibridismo como processos de ampliação lexical.

² Processo de transformar diversas Classes de palavras, sobretudo verbos, em substantivos pela anteposição de artigo.

Na maioria das gramáticas escolares é comum encontrar-se a *onomatopéia* tratada como processo de formação de palavras. Assim sendo, Siqueira e Bertolin (2000:94), no Curso de Português, advogam que “a onomatopéia também gera palavras quando temos palavras que imitam as vozes dos animais e os ruídos da natureza”. Um exemplo comum disso é o *tique-taque* do relógio e o *zunzun* da abelha.

É um processo no qual se leva em conta que as palavras, por ele criadas, são, quase sempre, de uso na língua falada, o que foge do objeto de estudo da gramática tradicional, a língua escrita. O espaço destinado ao seu estudo tem sido tão restrito que em livros didáticos mais modernos, a onomatopéia nem aparece nos tópicos relativos aos processos de formação de palavras.

Outro mecanismo de criação lexical muito trabalhado nos livros escolares é a *abreviação*. De modo geral, pode ser denominada como uma redução da palavra até um ponto que não prejudique a compreensão. Tem-se como ilustração mais freqüente o uso de *moto* por motocicleta e de *foto* por fotografia.

A abreviação também é um processo importante para o trabalho sobre ampliação do léxico em sala de aula pelo fato de ser muito utilizada pelos alunos em suas interações cotidianas. Pode-se citar, por exemplo, o uso de *net* ao invés de internet, feito pelos jovens que vivem em constante contato com a tecnologia atual. No entanto verificamos, ainda, que a atenção a esse processo ainda é pouca apesar dele ser mais freqüente do que a onomatopéia.

Algumas gramáticas trazem ainda as siglas como processos de formação de palavras. Elas são criadas a partir das letras ou sílabas iniciais de alguns nomes. É o caso do vocábulo IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e de OAB, Ordem dos Advogados do Brasil.

Tal processo, porém, não é “abraçado” com unanimidade entre os gramáticos por que, segundo Ernani e Nicola (2002), as siglas são um tipo especial de abreviatura e, além disso, elas têm sua importância associada ao fato de suas letras, ou sílabas, formadoras originarem novas palavras. Nesse sentido, a sigla PT (Partido dos Trabalhadores) origina a palavra petista.

Elas constituem um processo também importante de ser trabalhado por se enquadrarem dentro do uso concreto da língua no ambiente social, já que diariamente são lançados projetos, eventos, nomes de empresas e produtos cujos nomes são transformados em siglas para se ter uma agilidade na comunicação.

Um processo ainda bastante condizente com o cotidiano do aluno é a criação de gírias. Esse ocorre por meio ora semântico, ora alo genético (tais processos serão conceituados mais adiante, quando se for trabalhar as novas propostas). As gírias surgem, basicamente, quando palavras já existentes são tomadas com um novo sentido e, ainda, quando são criadas palavras na própria língua ou importadas de línguas diferentes. É um processo muito comum, sobretudo nos programas televisivos. Isso se dá pelo marketing que a mídia detém: se a maioria da população possui uma linguagem repleta desses usos, eles também apelam para tal, com o intuito de levantar o IBOPE³.

Assim são, por exemplo, os usos feitos pela apresentadora Adriane Galisteu: *solta a voz*, para fala, *mete bronca*, para vai em frente, *rolando*, acontecendo etc. O importante ao se trabalhar esse processo, é que deve se atentar para o fato de as gírias pertencerem, exclusivamente, à língua falada, não podendo ser, portanto, trabalhadas como linguagem padrão.

Por último, temos o hibridismo: “Dá-se o nome de hibridismo às palavras em cuja formação ocorrem elementos mórficos oriundos de línguas diferentes...” . (ERNANI E NICOLA, 2002:107).

Na sua maioria, eles são facilmente inteligíveis, como *aeroporto*, *sambódromo*, *sociologia*, dentre inúmeros outros. São formados por composição por justaposição. Tais compostos são compreendidos por nós através do contexto. Desta forma, raramente conhecemos os significados de suas partes formadoras: o que nos leva ao significado é o conhecimento que fazemos delas no dia-a-dia.

Muitas gramáticas trazem enormes listas com os principais radicais constituintes de hibridismo, os de origem grega e latina, e seus respectivos sentidos. Esse, inclusive, é um dos motivos pelo qual o processo é bastante criticado, já que a relação dos elementos formadores é bastante complexa e, ainda, não necessitamos saber grego e latim para conhecermos o português. Ao invés de consultar essas relações existentes nos livros, Lapa (1982) sugere que o uso de dicionário especializado ajuda substancialmente para se poder compreender melhor como se dá a formação e a significação dos neologismos formados por hibridismo.

Além disso, é importante observar que os termos gregos e latinos, quando se trata do estilo, são insignificantes. Isso pode ser visto nos usos de hibridismos feitos por

³ Sigla que significa Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística. O mesmo é um órgão governamental incumbido de realizar pesquisas de diversos temas (mídia, política etc.). Aqui foi usado com o sentido de aumentar a audiência televisiva.

Felinto Elísio, que viveu no século XVIII. Nas suas obras, Elísio não obteve muito sucesso, sendo bastante repudiado pelo público alvo de sua época, já que usava justaposições greco-latinas de muito mau gosto, como “*flamívomo alento*”, “*frugíferos*” etc.

Geralmente, estes termos têm pouca importância no estudo de formação de palavras, posto que ficam restritos à esfera de erudição e da ciência.

Uma nova proposta para o estudo dos processos de formação de palavras

Foram vistos até agora os mecanismos de ampliação lexical abordados pela gramática e cuja conexão, que mantida com o mundo real do aluno, é bastante restrita. A nova proposta de processos de formação de palavras, pelo contrário, possui um vínculo muito grande com os mecanismos reais pelos quais os falantes formam palavras novas.

Seguindo essa linha de pensamento, pode-se afirmar que palavras novas surgem por mecanismos da própria língua ou de palavras oriundas de outras línguas. No caso da nossa língua, quase todos os “mecanismos da própria língua” constituem os processos tradicionais trabalhados pela gramática escolar.

Assim sendo, a nova proposta pode, para fins didáticos, ser dividida em três critérios: o *sintático*, o *semântico* e o *alogenético*. Com exceção do sintático – cujas vertentes já foram trabalhadas – esses mecanismos serão abordados a seguir.

O neologismo semântico

Esse tipo de neologismo ocorre com bastante frequência em nossa língua. Ainda segundo Rodrigues “esse tipo de criação ocorre quando surge uma significação nova para um segmento fonológico já existente, ou seja, o significante continua o mesmo, mas diz respeito a um novo recorte antropossociocultural”. (RODRIGUES, 2002:16). Os novos e os velhos significados convivem, harmonicamente, em um mesmo plano temporal. Salientamos também que esse tipo de neologismo necessita essencialmente da intervenção humana. Logo, é o homem que dá novos significados a uma determinada palavra.

Um exemplo de neologismo semântico é a troca, feita pela sociedade e pelos meios de comunicação atuais, do termo *empregada doméstica* por *ajudante do lar*. Esse significado bem menos depreciativo do que aquele.

O neologismo alogenético

O neologismo alogenético é bem simples de ser compreendido, por se tratar do empréstimo de unidades lexicais provenientes de outros sistemas lingüísticos e socioculturais. Vemos, então, que eles não são criados, mas adotados: “o empréstimo tem sua origem no momento em que objetos, conceitos e situações nomeados em língua estrangeira transferem-se para outra cultura”. (RODRIGUES apud CARVALHO, 1989: 42). A passagem de um item lexical de uma língua para outra é um processo demorado, pois ele encontra empecilhos fonéticos e gráficos oriundos da língua pela qual vai ser adotado.

Denominamos empréstimo lingüístico apenas os itens que estão sendo consolidados na língua. As palavras novas que entram no idioma, permanecendo na forma original, são chamadas de *xenismo*, como nas palavras *mouse* e *xerox*.

Por outro lado, denominam-se estrangeirismos as palavras cujo falante percebe que são estranhas à língua.

Reiterando, a abordagem do neologismo semântico e do alogenético é necessária nas aulas de língua portuguesa, posto que, em detrimento dos processos tradicionais, encontram-se bem mais contextualizado com o meio em que os jovens vivem inseridos. Isso porquê tais neologismos são vistos na imprensa, na publicidade, na televisão, na internet, e, principalmente, no uso feito pelos escritores e artistas. Em grande parte, esses usuários da língua são os responsáveis pelo aparecimento e divulgação de neologismos nos dias de hoje.

Conclusão:

No decorrer deste trabalho, procuramos abordar como as gramáticas escolares costumam trabalhar os processos de formação de palavras. Para isso, foram levantados os principais processos por elas trabalhados e, ainda, apontadas algumas falhas. Além disso esses processos também foram confrontados com mecanismos que retratam, de certo modo, o uso real da língua.

Salientamos, porém, que esse trabalho foi confeccionado para dar uma visão diferente ao trabalho com os mecanismos de ampliação lexical. Não propomos uma extinção dos processos trabalhados na gramática tradicional; pelo contrário, o que se propõe é uma remodelagem dos processos tradicionais de forma que se tornem significativos para os alunos.

Assim, cremos que uma adaptação consciente desses processos tradicionais, procurando, sobretudo, mostrar como o aluno usa tais processos no seu cotidiano, seria um ponto positivo no que diz respeito a um aprendizado significativo.

Tal pensamento não se dá por acaso. Psicologicamente, tem-se que o incentivo faz com que o aluno se motive a aprender o que a ele se quer ensinar. Tendo em mente isso, faz total sentido mostrar a conexão do conteúdo que o estudante irá aprender com o mundo fora da escola, já que os processos de criação de novos vocábulos são perfeitamente reconhecidos e praticados pelos falantes constantemente. Também não se quis privilegiar aqui uma linguagem oral, mas que o estudo de tal tópico fosse voltado para uma linguagem culta e formal.

O vínculo do ensino deste conteúdo, que se propõe a estabelecer com a vida diária do aluno, é exclusivamente para a aquisição dos conhecimentos necessários à compreensão dos processos de forma efetiva. Torna-se proveitoso mostrar aos alunos que os falantes fazem inconsciente uso dos processos mecanismos de ampliação do léxico, o que falta é chamar a atenção para essa evidência.

Não se pretendeu ainda que o leitor visse o surgimento de palavras, principalmente no caso do neologismo alogenético, como uma deturpação da língua, uma “invasão” do léxico. Isso porque, e pode-se afirmar com segurança, apenas os idiomas mortos ficam inertes, já que a mudança ocorre em toda língua. Queira ou não, uma mera meia dúzia de pensadores, sentados em volta de uma mesa, não irá parar o processo natural de mudança de nossa língua.

Referências:

BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1989.

LAPA, Manuel Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

NICOLA, José de; TERRA, Ernani. **Gramática, literatura e produção de textos para o ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2002.

RODRIGUES, Marília Cândida. **O neologismo ad hoc**. Dissertação de Mestrado. Edufu: Uberlândia, 2002.

SILVA, Antônio de Siqueira ; BERTOLIN, Rafael. **Curso completo de português**. São Paulo: Nacional, 2000.